

## FRONTEIRAS LINGÜÍSTICAS E CULTURAIS: ASPECTOS FONOLÓGICOS DO HUNSRÜCKISCH NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DO PORTUGUÊS

Felipe Bilharva-da-Silva (PUCRS)<sup>1</sup>  
Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPeL)<sup>2</sup>

**Resumo:** O bilinguismo caracteriza a aprendizagem da fala de sujeitos de regiões de imigração. O presente trabalho investiga de que forma esse fenômeno interfere na aquisição da escrita de segmentos róticos e plosivos de sujeitos bilíngues do município de Agudo - RS, sede de um expressivo número de descendentes de alemães, falantes do dialeto *Hunsrückisch*. O *corpus* da investigação foi constituído a partir de duas coletas realizadas em uma escola pública deste município. Os sujeitos bilíngues realizaram produções orais e escritas, baseadas na narrativa “*Frog, where are you?*” (MAYER, 1969). Na primeira coleta, os alunos estavam na 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries e, no ano seguinte, na 3<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> séries. Concluiu-se, a partir da análise quantitativa, que o número de trocas das plosivas entre os bilíngues é baixo, diminuindo gradualmente. Em relação aos segmentos róticos, constatou-se a ocorrência de diferenças significativas nas produções dos sujeitos bilíngues entre as duas coletas, indicando uma diminuição do número de trocas na escrita, especialmente de [x] em posição de *onset* inicial. Na oralidade, essa diminuição passou a ocorrer, de forma gradual e constante, a partir da 5<sup>a</sup> série, quando produções do tipo [r]ato passaram a ser substituídas por [x]ato. Na escrita, por outro lado, a redução do número de trocas ocorreu de forma brusca já na mudança da 2<sup>a</sup> para a 3<sup>a</sup> série. Conclui-se que o *hunsrückisch* influencia no processo de aquisição da escrita do português dos falantes bilíngues, mas fundamentalmente em relação à produção dos róticos.

**Palavras-chave:** Bilinguismo. *Hunsrückisch*. *Aquisição da escrita*. *Processos fonético-fonológicos*.

**Abstract:** Bilingualism characterizes how learning happens in the speech of subjects who live in immigration regions. This study aims at investigating how this phenomenon has interfered in bilingual subjects' writing acquisition of plosive segments in Agudo, RS, Brazil, where many German descendants speak the dialect known as *Hunsrückisch*. The corpus of

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), da qual é bolsista CAPES. Investiga a influência do pomerano - língua de imigração baixo-saxã - na coordenação gestual do português brasileiro, observando, para tal, mútuas relações entre fala e percepção sob a perspectiva da Fonologia Articulatória.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Pelotas. Coordena projetos de pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística – Teoria da Otimidade e Fonologia Gestual – e Aquisição Fonético-Fonológica. E-mail: [gfgb@terra.com.br](mailto:gfgb@terra.com.br)

this investigation was composed by two collections made in a public school. The bilingual subjects carried out oral and written tasks based on the narrative “*Frog, where are you?*” (MAYER, 1969). In the first one, students were attending the second, fourth and sixth grades and, in the second one, students were attending the third, fifth and seventh grades. Results of the quantitative analysis showed that the number of changes of plosives made by bilingual students was low and kept reducing gradually. Regarding the rhotic segments, significant differences occurred in the production of the bilingual students from the first collection to the second one, i. e., there was a decrease in the number of changes committed in writing, mainly [x] in early-onset position. It happened gradually and continuously in oral language from the fifth grade on, when productions such as [r]ato were replaced by [x]ato. On the other hand, in written language, the decrease in the number of changes was abrupt from the second grade to the third grade. Results showed that *Hunsrückisch* affects bilingual speakers’ process of writing acquisition mainly concerning the production of rhotics.

**Keywords:** Bilingualism; *Hunsrückisch*; Writing acquisition; Phonetic and phonological processes.

## Introdução

O Brasil constitui, em termos de extensão territorial, uma das maiores nações do globo terrestre, com uma área superficial de 8.515.767 km<sup>2</sup>. Ocupando quase metade do espaço territorial da América do Sul, faz fronteira com dez, dos doze demais países sul-americanos, o que resulta em áreas de contato linguístico em diversas regiões. O convívio do Português com outros idiomas também se dá pela presença de um grande número de línguas indígenas e de imigração, as quais estabelecem situações de fronteira – culturais, linguísticas – em pleno interior do solo brasileiro.

A imigração de trabalhadores provenientes de países europeus e asiáticos, ocorrida nos séculos XIX e XX, constitui um dos fatores responsáveis por contribuir com a criação dessas ilhas culturais no seio do Brasil. Os povos que desembarcaram na nação nesse período ainda guardam as heranças de seus ancestrais, mesmo após enfrentarem inúmeras dificuldades ao longo dos anos. A língua, nesse sentido, integra uma das características mais notórias, influenciando e sendo influenciada pelo português falado pelos monolíngues brasileiros.

Dentre os imigrantes europeus que desembarcaram no Brasil e que nele ainda estabelecem trabalho e moradia, encontram-se aqueles originários da região que hoje é ocupada pela Alemanha, os quais trouxeram consigo uma série de línguas, como o pomerano e o hunsrückisch. Vítimas inicialmente da opressão dos senhores de terra, que ofereciam condições de trabalho em grande parte ainda

influenciadas pelo regime escravista, e posteriormente do ódio e preconceito motivados pela rivalidade de sua pátria-mãe com o Brasil nas duas Grandes Guerras, esses povos germânicos ainda lutam por respeito e manutenção de sua origem e cultura.

Diversos trabalhos, nos últimos anos, têm buscado analisar a relação dos descendentes germânicos com a cultura e a civilização brasileira, demonstrando suas atitudes e concepções sociais e linguísticas. Esses estudos assumem alta relevância porque colocam em foco a necessidade de conservação das tradições culturais, a fim de que esses indivíduos não mais sejam vistos pela sociedade como estrangeiros, mas como legítimos filhos do Brasil.

Buscando inserir-se nesse rol de investigações que se propõem a investigar e descrever as relações existentes entre o Português e as línguas de imigração germânicas – e analisar, conseqüentemente, o comportamento dos falantes nesse ambiente de fronteira –, o presente trabalho analisa a influência do hunsrückisch, língua de imigração alemã falada especialmente nas regiões sul e sudeste do Brasil, na aquisição da escrita em língua portuguesa. Sabendo-se que a modalidade escrita da linguagem relaciona-se com a modalidade falada, serão observadas as características fonético-fonológicas de crianças estudantes da segunda à sétima séries de uma escola pública do município de Agudo, interior do estado do Rio Grande do Sul, focalizando-se a investigação na dessonorização de plosivas e na troca do “r forte” pelo “r fraco”, fenômenos que, de acordo com a literatura da área, são recorrentemente encontrados na produção do português brasileiro por imigrantes de línguas germânicas.

A fim de abordar a referida temática, no primeiro tópico será discutido o processo de imigração alemã no Brasil, o qual, apesar de distar 150 anos, ainda influencia concepções e atitudes linguísticas e culturais dos teuto-brasileiros. No segundo tópico, alguns aspectos sociais que perpassam a educação e a sociedade teuto-brasileira serão comentados e discutidos. No terceiro, serão apresentadas características da língua portuguesa falada pelos moradores das zonas de colonização alemã, comumente relatadas em trabalhos científicos. No quarto tópico, será apresentada a metodologia da pesquisa realizada no município de Agudo, que teve como objetivo avaliar a influência da língua hunsrückisch na aquisição da

escrita em português. No quinto tópico, resultados e discussões são trazidos e comentados e, no sexto tópico, são mostradas as conclusões desta pesquisa.

### **A imigração alemã no Brasil**

A partir de meados do século XIX, teve início, no Brasil, um intenso processo migratório de povos oriundos da Europa Central. Esse fenômeno foi o resultado de uma convergência entre interesses brasileiros e de diversas nações europeias, que viam no deslocamento de trabalhadores agrários a solução para inúmeras dificuldades. Tais dificuldades apresentavam caracteres opostos nas duas regiões: enquanto o Brasil vislumbrava a carência de mão-de-obra ocasionada pelo iminente fim do regime escravocrata, a Europa enfrentava, em diversas regiões, problemas de superpovoamento e desemprego.

A Alemanha, entretanto, embora já compactuasse com o processo migratório de seus moradores na metade inicial do século XIX, ainda não via com bons olhos a escolha pelo Brasil como destino. Em meados dos anos 1840, quando a temática da emigração passou a constituir um dos tópicos amplamente discutidos na política nacionalista que passava a tomar conta do país europeu, o Brasil era entendido como uma má opção, já que por lá as condições de trabalho eram ínfimas e os imigrantes, vistos como uma mera substituição para a mão-de-obra escrava, conforme explica Cunha (2003). Dessa forma, as viagens de trabalhadores para o Brasil eram desaconselhadas, embora esse conselho não tenha, de fato, surtido efeito expressivo.

Essa recomendação foi mantida até o final do século XIX, quando o governo alemão passou a julgar, finalmente, a região sul do Brasil como adequada para o estabelecimento de seus trabalhadores. Cunha (2003) aponta que, nesse período, foi instaurada uma política específica de emigração que visava a manutenção dos laços entre emigrantes e a pátria-mãe, o que possibilitaria a criação de novos mercados consumidores fora da Alemanha. Uma das diretrizes dessa política era o direcionamento da emigração para localidades que estivessem de acordo com os interesses políticos e comerciais da nação europeia. Dessa forma, a região sul do Brasil foi a selecionada, devido a vantagens como o clima e a paisagem

semelhantes ao encontrado na Europa e a presença já efetivada de uma população alemã.

O Brasil, por sua vez, igualmente apresentava grandes interesses na imigração, ao final do século XIX. Raso, Mello e Altenhofen (2011) explicam que, após a independência, buscava-se a ocupação do vasto território nacional, como uma forma de garantir a soberania e propiciar o desenvolvimento da jovem nação. A chegada de experientes trabalhadores europeus auxiliaria nesses objetivos, uma vez que ocupariam áreas ainda inexploradas e aprimorariam o trabalho agrícola. A indústria cafeicultora igualmente constituiu um fator determinante para a imigração, já que a abolição da escravatura desencadeou uma demanda por trabalhadores exatamente no auge da produção de café, para a qual os imigrantes europeus surgiram como uma fundamental solução.

Além de motivações econômicas e ocupacionais, a preferência da aristocracia brasileira por europeus tinha motivações sociais. O território brasileiro era então constituído, em grande parte, por uma população indígena e negra, para a qual se buscava uma substituição. A seleção de trabalhadores brancos convergia com esse interesse.

Esse relacionamento amistoso entre o Brasil e seus imigrantes, entretanto, passou a ser abalado no início do século XX, conforme ressalta Cunha (2003). O aumento do interesse alemão no Brasil e a preservação, por parte dos colonos, de suas raízes culturais fizeram com que esses passassem a ser vistos com desconfiança, tanto pelas autoridades como pela população.

Vozes contra as colônias e os agrupamentos alemães passaram, então, a insurgir-se, buscando revisões dos lotes de terra concedidos aos europeus no momento de sua chegada ao Brasil. Concorrentes econômicos da Alemanha, em especial os Estados Unidos, estimularam tais sentimentos, já que tinham interesse em reforçar as relações comerciais com o país sul-americano. Com a aurora da Primeira Guerra Mundial, as manifestações contra o que denominavam o “Perigo Alemão” atingiram seu ápice.

Finalmente, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, a luta contra o “Perigo Alemão”, por parte dos nativistas, levou à proibição de ofícios religiosos em alemão; da veiculação de jornais alemães; do funcionamento de clubes, associações, sociedades de canto e

ginástica; e intervenção nas escolas alemãs. Uma onda de ódio e injustiça espalhou-se contra a população teuto-brasileira. Alguns colonos mais assustados abandonaram o Brasil e migraram para o Paraguai (CUNHA, 2003, pp. 48-49).

A educação foi um dos fatores mais afetados pela opressão aos imigrantes. De acordo com Uphoff (2011), o sistema educacional dos colonos, uma de suas maiores preocupações, passou a receber fortes restrições nos anos iniciais do século XX, inicialmente por influência da I Guerra Mundial e, posteriormente, por determinação do regime ditatorial imposto pelo então presidente Getúlio Vargas. A utilização exclusiva da língua alemã nas escolas constituía uma das maiores críticas, passando a ser contestada e, mais tarde, proibida. O ensino do português tornou-se obrigatório, e as línguas estrangeiras chegaram a ser proibidas, em dado momento, a menores de quatorze anos.

Esse período ditatorial de Getúlio Vargas acelerou, segundo Pupp Spinassé (2011), as mudanças envolvendo a língua falada pelos imigrantes e seus descendentes, já que o Português adentrou o cotidiano dessas famílias de forma abrupta, gerando empréstimos e novas características nas variedades linguísticas. Passou a ocorrer, diante desses fatos, uma situação de diglossia, envolvendo o português e as variedades do alemão: enquanto estas eram faladas em situações de informalidade, no âmbito do convívio familiar, aquele era falado em ambientes de formalidade.

No período da II Guerra Mundial, a opressão à língua e cultura alemã novamente materializou-se, e, dessa vez, foi ainda mais radical: a língua dos imigrantes, tanto falada quanto escrita, foi terminantemente proibida, fazendo com que os mais jovens, como explica Prade (2011), tivessem que passar a usar a língua portuguesa de maneira frequente. Os mais velhos, por sua vez, seguiram utilizando-se de sua língua original, dado que desconheciam o português.

Esse contexto social e político é fundamental para a compreensão de diversos estigmas e preconceitos que, ainda hoje, assolam as línguas de imigração alemãs e a fala dos descendentes de imigrantes. Essa aversão à cultura alemã, infelizmente, não é praticada apenas pelo outro, mas, igualmente, pelo próprio descendente, que muitas vezes considera sua língua uma versão inferior tanto ao alemão padrão quanto ao português.

## **Teuto-brasileiros: atitudes comportamentais e linguísticas**

Os estigmas e as dificuldades enfrentadas pelos povos teuto-brasileiros ainda constituem marcas significativas em seu comportamento linguístico e sociocultural. Por um lado, sua língua é vista por muitos deles como uma versão empobrecida do alemão padrão; por outro, seu português é entendido como errado e carregado de marcas. Essa situação gera, por vezes, um ambiente de desconforto, para o qual a saída mais recorrente parece ser a incorporação total da língua e cultura brasileiras, em detrimento às raízes germânicas. A língua de imigração, nesse contexto, vai perdendo terreno.

Prova do sentimento de inferioridade enfrentado por alguns teuto-brasileiros é encontrada no trabalho de Pupp Spinassé (op. cit.), a qual, em entrevista com indivíduos residentes de uma região de colonização alemã, detectou, por parte de falantes do hunsrückisch, designações como "alemão errado" ou "alemão de colono" (PUPP SPINASSÉ, 2011, p. 38) para sua própria língua. Prade (2011), ao apresentar a questão "Você fala alemão?", recebeu respostas similares: "A gente aqui só fala alemão de colônia!"; "Nem alemão, nem português. A gente fala tudo errado e misturado. Gente de fora é assim mesmo, é colono grosso!"; "Só dialeto, aquele que a gente apreendeu dos nossos pais" (PRADE, 2011, p. 85).

As consequências desses preconceitos atingem diretamente o comportamento linguístico dos falantes, especialmente os mais jovens. Ainda de acordo com Prade (2011), muitos dos bilíngues evitam falar em sua língua quando estão diante de um falante do alemão padrão, já que consideram sua própria variedade como uma versão errada. Além disso, muitos jovens, ao migrarem das zonas rurais, onde nasceram e cresceram fortemente inseridos na cultura germânica, para as zonas urbanas, param de utilizar-se de sua língua materna, enfatizando o aprendizado na língua portuguesa. Tornquist (2011), por sua vez, cita que, em entrevistas realizadas com informantes da zona rural, muitos lamentam a tendência à redução no uso do alemão entre os mais jovens.

Schneider (2007), ao avaliar atitudes e concepções linguísticas de professores residentes em três comunidades bilíngues alemão-português do Rio

Grande do Sul, igualmente aponta uma redução na competência linguística no alemão padrão e no hunsrückisch, em oposição a um aumento no uso do português, motivados por mudanças socioculturais e socioeconômicas, como a urbanização e a instalação de fábricas nessas regiões. As comunidades inseridas em ambientes rurais, por outro lado, tendem a preservar mais a língua de imigração.

Contribuindo para a redução na utilização do alemão, segundo a autora, estão crenças e concepções remanescentes do período de opressão à língua e cultura germânicas. Nas entrevistas realizadas com os professores, a pesquisadora percebeu que muitos deles opinam negativamente sobre a utilização concomitante do português e do alemão/línguas de imigração nas escolas, uma vez que tal uso seria prejudicial para o aprendizado. Alguns docentes citam o sotaque e a troca de letras como algumas dessas consequências. Subjacente a esse pensamento, residiriam resquícios de políticas nacionais antiquadas motivadas pelo desejo de redução da cultura germânica, seja nas Grandes Guerras, seja durante a ditadura de Getúlio Vargas, as quais criaram ideologias e estigmas, como a de que “a proibição do alemão favoreceria o aprendizado do português” (SCHNEIDER, 2007, p. 247). A consequência disso é que muitos professores não utilizam as línguas de imigração em sala de aula, mesmo que sejam, assim como seus alunos, falantes delas.

A despeito dessa desvalorização, a inserção do ensino de alemão padrão no município de Tupandi, no qual se situa a pesquisa de Schneider, a exemplo do que ocorre em outros municípios, teria colaborado para uma revitalização e maior aceitação da língua em sala de aula, o que fez com que um número maior de professores passasse a aceitar seu uso por parte dos estudantes. A desvantagem, por outro lado, de tal ensino seria a sedimentação de estigmas que colocam o alemão padrão como a variante de prestígio e o hunsrückisch como variante “errada”, ou “de colono”.

### **A fala dos teuto-brasileiros**

O número de línguas de imigração faladas pelos teuto-brasileiros no Brasil é bastante extenso. Conforme explica Prade (op. cit.), há representantes de quase todas as línguas de imigração do alemão no país, embora em quantidades distintas.

O hunsrückisch, língua de imigração falada no município de Agudo, nesse contexto, se destaca, em termos de expressividade: no sul do Brasil, mais de 50% dos imigrantes alemães era proveniente da região do Hunsrück.

Apesar do predomínio do hunsrückisch no sul do Brasil, os trabalhadores germânicos não eram advindos de uma mesma região e, conseqüentemente, não falavam uma única língua. Nas comunidades germânicas, a heterogeneidade era tamanha que alguns colonos consideravam uns aos outros estrangeiros, conforme descreve Salamoni (2001). A consequência imediata desse contato direto entre diferentes línguas foi uma mútua interferência, gerando sistemas linguísticos peculiares e dotados de características específicas a determinadas regiões. Esse fato representa uma das muitas complexidades que envolvem a fala dos imigrantes e seus descendentes.

Acrescente-se a essa complexidade o fato de que o Brasil, por constituir um país altamente extenso e diversificado, apresenta uma série de dialetos característicos, dependendo da região. O português falado no Nordeste, por exemplo, apresentará singularidades em diversas camadas gramaticais que o diferenciará daquele falado no Sul, embora ambos sejam totalmente inteligíveis. Essas singularidades dependentes da região do Brasil influenciaram as línguas de imigração de formas distintas. Assim, o pomerano falado no extremo sul apresentará características não encontradas naquele falado na região sudeste, apenas para citar um caso.

Apesar de haver inúmeras línguas de imigração, dotadas de características diferenciadas dependendo da região do Brasil na qual são faladas, a literatura da área aponta um conjunto de influências dessas línguas no português relativamente homogêneo. Ou seja, mesmo as línguas sendo diferentes entre si, a forma como afetam o português parece ser similar. Alguns desses fenômenos – a exemplo do que mostram outros estudos, como Gewher-Borella (2010) e Blank (2013) – são descritos por Prade (2011), autora que destaca interferências nos campos fonético, estrutural e rítmico como as principais. Essas interferências estariam presentes não apenas na fala de bilíngües, mas, igualmente, na de monolíngües moradores das colônias.

Focalizando-se a análise no campo fonético, interesse principal deste trabalho, as principais influências, destacadas pela autora, das línguas de imigração no Português são as dessonorizações, a troca de [x] por [r] e a redução da nasalidade em ditongos, fenômenos a serem resumidamente explicados na sequência.

A dessonorização diz respeito à não vibração das cordas vocais em consoantes que, no Português, exigem tal movimento. A consequência direta desse fenômeno é uma troca de fonemas, uma vez que há uma série de segmentos que se diferenciam exatamente por essa oscilação das cordas vocais. Os sons [b] e [p], por exemplo, apresentam essa característica: a única diferença relevante entre os dois é a vibração – no caso do primeiro – ou não – no caso do segundo – das pregas vocais. Um falante influenciado, de alguma forma, por uma língua de imigração germânica tenderia a realizar produções como *pola*, quando deveria produzir *bola*.

Outra troca entre sons ocorre quando o falante produz o fonema [r] – o ‘r fraco’, como em *fora* – no início de sílaba, contexto no qual o esperado seria o emprego de [x] – o ‘r forte’, como em *carro*. Dessa forma, são frequentes produções como [r]ato e cacho[r]o, ao contrário de [x]ato e cacho[x]o, peculiaridade apontada pelos trabalhos linguísticos como deveras recorrente. É sobre esses dois fenômenos, especificamente, que a presente investigação irá debruçar-se.

A redução da nasalidade em ditongos, por sua vez, gera produções como *cantaron* e *raçon*, no lugar de *cantaram* e *ração*, uma vez que, no Alemão, não há vogais ou ditongos nasais. Assim, por meio dessa substituição, os falantes evitam a nasalidade.

Tais características são bastante evidentes na fala teuto-brasileira e geram estigmas que acompanham os falantes ao longo de suas vidas. Os trabalhos que traçam investigações mais aprofundadas desses fenômenos, dentre os quais a presente pesquisa se insere, buscam avaliar até que ponto as trocas descritas são categóricas e de que forma afetam a escrita em Língua Portuguesa. Por meio dessas respostas, tornar-se-á possível idealizar estratégias de ensino mais focalizadas nas necessidades dos estudantes em questão, propiciando resultados mais efetivos.

Com o objetivo de avaliar como se dá a relação entre o hunsrückisch e o português – e avaliar, posteriormente, como essa relação influencia e é influenciada pela modalidade escrita –, no que diz respeito a seus aspectos fonético-fonológicos, foi realizada uma análise envolvendo falantes bilíngues moradores do município de Agudo, região central do estado do Rio Grande do Sul, a qual será, na sequência, apresentada e discutida.

## **Metodologia**

A fim de analisar a influência exercida pelo hunsrückisch no português, foram realizadas duas coletas de dados envolvendo produções orais e escritas de 14 crianças bilíngues estudantes de uma escola pública da cidade de Agudo. Na primeira coleta, os alunos estavam estudando na segunda, quarta e sexta séries, enquanto, na segunda coleta, as mesmas crianças estavam estudando na terceira, quinta e sétima séries, constituindo um recorte longitudinal.

Para a seleção dos sujeitos, foi primeiramente entregue um questionário a ser preenchido pelos pais, no qual constavam questões como: (i) Seu filho fala alemão? (ii) Seu filho compreende alemão? (iii) Com que frequência o alemão é usado pela família? (iv) Qual língua seu filho aprendeu primeiro, alemão ou português?, dentre outras. Para considerar o informante como bilíngue, era preciso que as perguntas (i) e (ii) tivessem “sim” como resposta, ou seja, que a criança falasse e compreendesse alemão. Dos 14 sujeitos selecionados para o presente trabalho, 35% aprendeu primeiramente o alemão, enquanto que 42% indicou como primeira língua o português. Cumpre salientar, no entanto, que 71% dos pais afirmaram que o alemão é usado diariamente pela família, mesmo aqueles que sinalizaram o português como primeira língua aprendida pelo filho.

As produções de fala e escritas foram baseadas na narração do livro *Frog, where are you?* (Mayer, 1969), o qual é totalmente constituído por linguagem não verbal. Assim, em um primeiro momento, após observar a estória presente no livro, os estudantes deveriam recontá-la oralmente, em entrevistas individuais realizadas com o auxílio de um gravador digital *Oregon Scientific VR 636*. Posteriormente, em sala de aula, os alunos escreviam, então, a narrativa acerca do mesmo texto. As

coletas foram realizadas nos anos de 2008 e 2009, constituindo, hoje, parte do banco de dados BANA – Banco de Narrativas de Agudo – sediado no Laboratório Emergência da Linguagem ORAL (LELO) da Universidade Federal de Pelotas.

Após a transcrição dos dados de fala, digitalização e digitação dos dados de escrita – totalizando 56 produções –, os itens lexicais dotados de segmentos róticos e plosivos foram identificados, com base em análise de outiva, e dispostos em dois grupos: produções que atingiram a forma alvo e produções que não a atingiram. Tais informações deram origem a quadros individuais dos sujeitos e quadros gerais das turmas, permitindo o estabelecimento das primeiras inferências.

Em novo momento, adotando parte da metodologia proposta por Gewher-Borella (2010), foi realizada análise acústica dos segmentos plosivos, buscando verificar se o *Voice Onset Time* (VOT, duração de tempo entre a soltura de ar dos pulmões e o início da vibração das cordas vocais) produzido pelos sujeitos apresentava medidas superiores àquelas apontadas pela literatura como características do Português Brasileiro. Em caso afirmativo, obter-se-ia um importante argumento em favor de uma influência do hunsrückisch sobre a aquisição da escrita em língua portuguesa, uma vez que os índices de VOT da língua de imigração são superiores aos do português. A análise acústica foi realizada com o recurso do programa *Praat*, versão 5.3.51.

A última etapa da pesquisa foi a realização de análise estatística, a qual visou avaliar se a diferença entre a média de produções que atingiam o alvo em cada uma das séries era ou não significativa. Para a realização dessa análise, utilizou-se o programa *SPSS Statistics*, versão 17.0. Quanto ao teste utilizado, a natureza dos dados (três grupos, variáveis intervalares e design intra-sujeitos) possibilitaria a rodagem do *Teste-t pareados*; entretanto, devido à anormalidade da distribuição, foi rodado o teste de *Wilcoxon*, correspondente não-paramétrico do *Teste-t*.

## **O comportamento dos segmentos róticos e plosivos: resultados e discussões**

Após a análise da fala e da escrita de todos os sujeitos, os índices gerais de produções que atingiram a forma alvo, ou seja, os índices esperados para as produções de monolíngues brasileiros, foram contabilizados.

FALA												
Segmento	2ª série		3ª série		4ª série		5ª série		6ª série		7ª série	
	% PE	% PD										
[x]	13,1	86,9	2,4	97,6	1,7	98,3	17,1	82,9	40,4	59,6	54,0	46,0
[r]	95,1	4,9	91,5	8,5	87,5	12,5	96,0	4,0	99,6	0,4	99,5	0,5
[p]	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
[b]	97,5	2,5	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
[t]	100,0	0,0	100,0	0,0	99,6	0,4	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
[d]	100,0	0,0	100,0	0,0	98,8	1,2	100,0	0,0	99,6	0,4	100,0	0,0
[k]	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
[g]	100,0	0,0	96,6	3,4	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0

Legenda: PE- Produções esperadas/ PD- Produções diferenciadas

■ - 1ª coleta/ ■ - 2ª coleta

Quadro 1 – Índices de produções esperadas e diferenciadas por série nos dados de fala.

ESCRITA												
Grafema	2ª série		3ª série		4ª série		5ª série		6ª série		7ª série	
	% PE	% PD										
Rr	15,4	84,6	57,1	42,9	83,3	16,7	82,7	17,3	83,6	16,4	70,7	29,3
R	96,9	3,1	97,0	3,0	98,0	2,0	97,0	3,0	100,0	0,0	96,9	3,1
P	97,4	2,6	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
B	91,7	8,3	100,0	0,0	93,9	6,1	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
T	98,5	1,5	99,1	0,9	100,0	0,0	100,0	0,0	99,2	0,8	100,0	0,0
D	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	99,3	0,7	100,0	0,0
c/qu	100,0	0,0	100,0	0,0	99,4	0,6	99,5	0,5	100,0	0,0	100,0	0,0
G	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	97,8	2,2	100,0	0,0	96,4	3,6

Legenda: PE- Produções esperadas/ PD- Produções diferenciadas

■ - 1ª coleta/ ■ - 2ª coleta

Quadro 2 – Índices de produções esperadas e diferenciadas por série nos dados de escrita.

Conforme os Quadros 1 e 2, no que se refere aos róticos, inicialmente, é possível observar, tanto na fala quanto na escrita, um número expressivo de trocas em posição de onset, ou seja, no início da sílaba, posição na qual há a realização do “r fraco”, [r] – chamado tepe –, em contextos nos quais o esperado seria o “r forte”, [x] – denominado fricativa velar. Na fala, em que as trocas são mais intensas, são

detectados índices de produção de [x] muito baixos nessa posição silábica, os quais começam a evoluir a partir da quinta série. Como a literatura aponta que essa utilização do “r fraco” no início de sílaba já faz parte da variedade linguística característica de zonas de colonização alemã, essa evolução no aumento do índice nas produções orais, ao longo das séries do ensino fundamental, desperta a atenção e faz supor que possa haver uma influência da escrita ou de fatores socioculturais nesse desempenho. Na escrita, por outro lado, a evolução no índice de produções esperadas tem início mais cedo e as médias parecem estabilizar-se entre a quarta e a sexta séries, apresentando uma pequena queda na sétima, quando o natural seria valores mais altos.

Nos contextos em que, pelo contrário, o esperado era [r], as trocas igualmente foram detectadas, embora com valores substancialmente menos expressivos. Especialmente na fala, as realizações percebidas foram diversas, como apagamentos e substituições por retroflexas e fricativas velares. Apesar de o índice dessas trocas ser baixo, é possível notar certa sistematicidade, uma vez que quase todas as séries, tanto na fala quanto na escrita, refletiram dificuldades dos alunos na produção desses segmentos.

O fato que contraria as expectativas iniciais desta pesquisa, entretanto, está relacionado às plosivas – [p], [b], [t], [d], [k] e [g]. Baseando-se na literatura que investiga os fatos linguísticos característicos de bilíngues falantes do alemão e do português, acreditou-se que as trocas de sonoridade seriam detectadas de forma recorrente, especialmente na escrita, modalidade na qual problemas não percebidos pela ouvinte podem revelar-se de forma saliente. Os resultados encontrados, entretanto, apontam uma média de produções sem a presença de trocas, em todos os segmentos, modalidades e séries, absolutamente alta, categórica, na maioria das vezes, tanto nas produções orais como nas produções escritas. Nos casos em que as trocas aparecem de forma um pouco frequente, esses podem ser atribuídos a um sujeito específico, não se constituindo, assim, em um fenômeno generalizado.

A fim de buscar uma análise mais específica desse quadro geral, avaliando se o índice de acertos das turmas apresentava uma mudança significativa entre uma coleta e outra, ou seja, se os estudantes evoluíam ou regrediam em suas produções

ao longo do processo de alfabetização, foi realizada análise estatística com o auxílio do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0.

A grande maioria das turmas não apresentou evolução ou regressão significativas entre as coletas, corroborando os resultados detectados nos quadros 1 e 2. As plosivas, conforme se esperava, devido ao alto número de acertos em todas as séries, não sofreram alterações representativas de um ano para o outro, comprovando o fato de que a apropriação escrita dessa classe de segmentos não parece sofrer influência do hunsrückisch. Quanto aos róticos, por outro lado, uma alteração significativa foi notada entre os alunos da segunda série, os quais apresentaram um abrupto aumento no índice de acertos na escrita de 'rr' na segunda coleta, conforme pode-se observar no quadro 3.

SEGUNDA/ TERCEIRA SÉRIES - ESCRITA				
Grafema	2ª Série	3ª Série	Valor de p	Teste (Z)
Média/ dp (%)				
<b>rr</b>	16,7/ 23,6	59,4/ 25,3	0,043	-2,023
r	94,6/ 9,3	96,8/ 5,5	0,285	-1,069
p	95,6/ 9,9	100,0/ 0,0	0,317	-1
b	90,0/ 22,4	100,0/ 0,0	0,317	-1
t	99,1/ 2,0	98,7/ 3,0	0,655	-0,447
d	100,0/ 0,0	100,0/ 0,0	1	0
c/qu	100,0/ 0,0	100,0/ 0,0	1	0
g	100,0/ 0,0	100,0/ 0,0	1	0

Legenda: ■ - 1ª coleta/ ■ - 2ª coleta

Quadro 3 – Teste de *Wilcoxon*: diferenças entre o índice de acertos da segunda e da terceira séries (escrita).

Como é possível perceber, o teste de *Wilcoxon* revelou que o grupo de estudantes que, na primeira coleta, estudava na segunda série e, na segunda coleta, estudava na terceira série, aumentou significativamente o índice de acertos do dígrafo 'rr' (Z= -2,023, p= 0,043) de um ano para o outro.

A significância de tal resultado pode demonstrar que a troca de grafemas representativos dos sons de 'r', em posição inicial de sílaba, parece uma prática generalizada no município de Agudo, a qual ocorre de maneira deveras frequente na fala dos estudantes que estão ingressando na escola. A redução significativa já no ano seguinte parece indicar um trabalho específico da escola, que possivelmente já reconhece esse fenômeno como uma prática recorrente. Ao longo das próximas

séries, como ressalta o quadro 2, o índice de acertos segue subindo, com exceção, como já referido, da sétima série.

Após a percepção de que os segmentos róticos geraram um maior número de problemas para os alunos analisados, optou-se pela realização de uma segunda análise estatística, focalizada na produção desses segmentos, buscando, dessa vez, diferenças relevantes entre estudantes distintos, sem comparações longitudinais, alterando, assim, o recorte da investigação. Para a realização dessa etapa, utilizou-se o teste de *Kruskal-Wallis*, conforme pode ser observado nos quadros 4 e 5.

PRIMEIRA COLETA - FALA					
Média/ dp por série					
Segmento	Segunda	Quarta	Sexta	Valor de p	Teste (X <sup>2</sup> )
[x]	12,6 / 10,4	1,7 / 2,3	25,0 / 50,0	0,198	3,239
[r]	95,7 / 4,0	88,1 / 7,5	99,7 / 0,7	0,014	8,484
SEGUNDA COLETA - FALA					
Segmento	Terceira	Quinta	Sétima	Valor de p	Teste (X <sup>2</sup> )
[x]	2,4 / 3,3	20,1 / 40,8	24,3 / 48,6	0,927	0,151
[r]	92,6 / 11,3	97,1 / 3,2	99,6 / 0,9	0,392	1,873

QUADRO 4 – Teste de *Kruskal-Wallis*: diferenças entre os índice de produções esperadas na fala.

PRIMEIRA COLETA - ESCRITA					
Média/ dp por série					
Grafema	Segunda	Quarta	Sexta	Valor de p	Teste (X <sup>2</sup> )
rr	16,7 / 23,6	82,9 / 13,1	73,6 / 49,1	0,036	6,651
r	94,6 / 9,3	98,1 / 2,0	100,0 / 0,0	0,256	2,724
SEGUNDA COLETA - ESCRITA					
Grafema	Terceira	Quinta	Sétima	Valor de p	Teste (X <sup>2</sup> )
rr	59,4 / 25,3	79,7 / 24,0	63,4 / 37,7	0,476	1,486
r	96,8 / 5,5	96,2 / 5,6	96,6 / 3,3	0,731	0,628

QUADRO 5 – Teste de *Kruskal-Wallis*: diferenças entre os índices de produções corretas na escrita.

O teste de *Kruskal-Wallis* revelou que, na escrita, há diferenças significativas ( $X^2= 6,651$ ,  $p= 0,036$ ) entre o número de produções corretas da segunda, quarta e sexta séries em contextos nos quais era esperado o dígrafo 'rr'. Observando os dados, tornou-se possível detectar que a utilização preferencial, por parte dos estudantes mais jovens, nesses contextos era 'r', acompanhando o ocorrido na fala, na qual produções como *cacho[r]o* são praticamente categóricas. Além disso, o teste

ressalta a grande divergência existente entre o baixo número de produções que atingiram a forma alvo na 2ª série (16,7%) e o número considerável na 3ª (82,9%), confirmando o fato de que, quanto a essa troca de grafemas, há uma grande evolução ao longo do desenvolvimento escolar, possivelmente motivada pelo trabalho específico dos professores.

O fato que desperta a atenção, entretanto, pode ser encontrado no quadro 4, no que se refere a contextos em que era esperada a produção de [r] na modalidade oral. Nesse contexto, é possível notar que há diferenças significativas ( $X^2= 8,484$ ,  $p= 0,014$ ) entre as produções das três turmas que participaram da primeira coleta, sendo que a quarta série apresentou o maior número de trocas. Esse fato indica que as dificuldades relacionadas aos róticos não se limitam apenas à fricativa velar, mas igualmente à líquida não-lateral alveolar, constatação ainda não reportada nos trabalhos que investigaram a influência de línguas de imigração alemã no português. Apesar do baixo número de trocas, as diferenças entre os desempenhos das turmas pode sugerir complexidades envolvendo a produção desses segmentos.

Analisando as estratégias de reparo desses segmentos – ou seja, o procedimento adotado pelo falante para não produzir o segmento conflituoso, no caso, [r] –, percebe-se diversas realizações, dentre as quais se destacam o apagamento (vido, para vid[r]o), a substituição por [l] (ba[l]ulhu, para ba[r]ulhu) e por retroflexas (cobe[ɽ]ta, para cobe[r]ta). Apesar de as dificuldades envolvendo o “r fraco” não se apresentarem de forma tão recorrente quanto o percebido com o “r forte”, o teste estatístico, aliado à análise descritiva, demonstra que o referido segmento representa um obstáculo difícil de ser superado, gerando algumas trocas em praticamente todas as séries e modalidades.

Em relação às plosivas, embora o índice de acertos dos segmentos seja surpreendentemente alto, julgou-se necessária a realização de análise acústica, a fim de verificar se, a exemplo de outras comunidades influenciadas por línguas de imigração alemãs (como a de Picada Café, descrita em Gewher-Borella, 2010), as médias de VOT não apresentavam diferenças quando comparadas às médias do português brasileiro. Antes da apresentação desses resultados, parece-nos pertinente comentar brevemente o fenômeno do *Voice Onset Time*.

De acordo com Cristófaros-Silva (2010), os segmentos plosivos ocorrem quando “os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino está levantado e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral” (CRISTÓFARO-SILVA, 2010, p. 33). Assim, consoantes plosivas geram uma total obstrução da passagem de ar no trato vocal, seguida por uma liberação repentina. É fácil observar como os sons [p], [b], [t], [d], [k], [g] geram pequenas explosões de ar quando são produzidos. No momento em que os articuladores liberam a obstrução, uma passagem de ar surda – sem vibração de cordas vocais – ocorre pelo trato. O período de tempo compreendido entre a soltura dos articuladores e o início de vibração das cordas vocais, característico da vogal que se segue, é denominado VOT. A relevância desse conceito reside no fato de que o alemão apresenta uma VOT mais duradouro do que o português. Dessa forma, se uma falante bilíngue produzir tempos maiores para o português, possivelmente há uma influência do hunsrückisch em sua produção.

A partir da verificação acústica dos segmentos plosivos surdos produzidos pelos informantes desta pesquisa, foram encontradas médias de VOT superiores às apontadas pela literatura da área (Reis e NOBRE-OLIVEIRA, 2007) como esperadas para o Português Brasileiro, a saber: [p]= 12ms, [t]=18ms e [k]= 38ms. Assim, o segmento [p] foi produzido com média de 19,6ms, o segmento [t], com média de 24,8ms e o segmento [k], com média de 36,4ms. Dessa forma, as plosivas [t] e [p] apresentam valores elevados quando em comparação com as médias do português, ao passo que [k] apresenta um valor aproximado a esta média. Dessa forma, sugere-se uma possível influência do padrão de vozeamento do alemão na produção dos segmentos surdos do português dos falantes bilíngues, o que poderia constituir uma motivação para os erros detectados na escrita desses segmentos.

A análise de alguns segmentos sonoros, por sua vez, apontou um curto ou ausente pré-vozeamento – vibração das cordas vocais que começam antes mesmo da liberação da passagem de ar pelos articuladores – em alguns segmentos, nova evidência de uma possível influência do hunsrückisch, já que o português apresenta períodos de pré-vozeamento relativamente altos.

## **CONCLUSÕES**

Neste estudo, verificou-se uma possível influência do hunsrückisch no português em crianças estudantes das séries iniciais e em processo de aquisição da modalidade escrita da linguagem. Tal influência revelou-se de forma mais significativa nos “sons de r”, já que muitos estudantes chegam à escola cometendo trocas envolvendo o “r fraco” e o “r forte”. Interessante perceber que o contato com a escrita faz com que os estudantes alterem sua maneira de falar, cometendo um menor número de trocas. O contato com a escola parece ser responsável, igualmente, por fazer reduzir o número de erros ortográficos envolvendo a grafia dos grafemas ‘r’ e ‘rr’. No que se refere às plosivas, o número de trocas, tanto na fala quanto na escrita, foi bastante reduzido, embora a análise do *Voice Onset Time* tenha revelado uma possível influência da língua de imigração no português. Pesquisas mais amplas envolvendo um maior número de dados se faz necessária para avaliar até que ponto tal influência é significativa.

A presente pesquisa busca auxiliar os estudos que avaliam a relação hunsrückisch – português brasileiro, descrevendo dois fenômenos característicos da fala bilíngue: a dessonorização de plosivas e a troca de [x] por [r] em início de sílaba. Apesar de apontar-se uma influência do hunsrückisch no português, não estamos, neste trabalho, convergindo com a ideia expressa por alguns professores, como os citados por Schneider (2007), de que o conhecimento de uma língua é prejudicial para a outra. As vantagens em se aprender duas línguas desde a primeira infância são numerosas e já descritas em trabalhos científicos que discutem o bilinguismo. Com a presente pesquisa, pretende-se, pelo contrário, compreender a forma como o hunsrückisch afeta o português e sua modalidade escrita, a fim de idealizar ferramentas teóricas que possibilitem ao professor ensinar seus alunos de uma maneira mais voltada para dificuldades específicas e conhecidas, como aquelas descritas neste texto.

## REFERÊNCIAS

BLANK, M. T. **Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)**. 2013, 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

CUNHA, J. L. A Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003.

GEWEHR-BORELLA, S. **A influência da fala bilíngüe hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, Pelotas.

PRADE, H. G. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003.

PUPP-SPINASÉ, K. O ensino de alemão em contextos bilíngües no Sul do Brasil. In: BOHUNOVSKY, R. (Org.). **Ensinar alemão no Brasil: Contextos e Conteúdos**. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 13-30.

RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. Os contatos linguísticos e o Brasil – Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

REIS, M; NOBRE-OLIVEIRA, D. Effects of perceptual training on the identification and production of English voiceless plosives aspiration by Brazilian EFL learners. In: RAUBER, A. S.; BAPTISTA, B. O.; WATKINS, M.A. (Eds.). **Oew Sounds: Fifth International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech**. 2007. Anais... Florianópolis, SC: UFSC, 2007. p. 398-407.

SALAMONI, G. A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**, v. 7, n.1, p. 25-42. Pelotas: UFPel, 2001.

SCHNEIDER, M. N. **Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 286f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 1999.

TORNQUIST, I. M. Língua e religião como instituintes da nacionalidade. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003.

UPHOFF, D. Uma pequena história do ensino de alemão no Brasil. In: BOHUNOVSKY, R. (Org.). **Ensinar alemão no Brasil: Contextos e Conteúdos**. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 13-30.